

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**ESTUDO DO MEIO: DISPARIDADES NO ACESSO E A IMPORTÂNCIA DA
METODOLOGIA PARA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Allan Mariz dos Santos

Sorocaba

2025

ALLAN MARIZ DOS SANTOS

**ESTUDO DO MEIO: DISPARIDADES NO ACESSO E A IMPORTÂNCIA DA
METODOLOGIA PARA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de São Carlos - Sorocaba..

Orientadora: Dr^a. Neusa de Fátima Mariano.

Sorocaba
2025

Santos, Allan Mariz dos

Estudo do meio: disparidades no acesso e a importância da metodologia para educação básica / Allan Mariz dos Santos -- 2025.
36f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Neusa de Fátima Mariano
Banca Examinadora: Mateus de Almeida Prado Sampaio, Ana Carolina Basílio
Bibliografia

1. Geografia escolar. 2. Estudo do meio . 3. Metodologia de ensino. I. Santos, Allan Mariz dos. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

ESTUDO DO MEIO: DISPARIDADES NO ACESSO E A IMPORTÂNCIA DA
METODOLOGIA PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Allan Mariz dos Santos

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de licenciatura em Geografia pela
Universidade Federal de São Carlos -
Sorocaba.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Dr.^a Neusa de Fátima Mariano
Universidade Federal de São Carlos

Examinador

Dr. Mateus de Almeida Prado Sampaio
Universidade Federal de São Carlos

Examinadora

Ana Carolina Basil
Doutoranda na Universidade de São Paulo

Dedico esse trabalho aos meus pais,
os quais sempre me apoiaram e me
deram a possibilidade de acreditar
que a educação é transformadora.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer imensamente aos meus pais que me proporcionaram condições para estar completando o ensino superior, espero ter aproveitado todo o esforço que vocês tiveram para ofertar as melhores possibilidades para mim e meus irmãos, graças a vocês pude entender que a educação é substancial para um futuro melhor. Enfim, não podia perder a oportunidade de eternizar meu eterno amor e gratidão à vocês Renato e Janaina.

Agradeço imensamente a todos que de forma direta ou indireta participaram da minha formação pedagógica, em especial a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Neusa de Fátima Mariano pelo suporte ao longo da confecção deste trabalho. Continuamente não poderia deixar de agradecer profundamente aos entrevistados Ana, Sabrina e Jura que compartilharam comigo suas vivências sobre o PETAR que foram cruciais para essa análise.

À Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba os mais sinceros agradecimentos, devido ao ensino público federal posso me orgulhar da minha formação acadêmica, graças a esta instituição tive oportunidades e conheci pessoas que levarei em minha memória pra sempre.

*"A educação é a arma mais poderosa que
você pode usar para mudar o mundo"*

(Nelson Mandela)

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso intitulado "Estudo do Meio: Disparidades no Acesso e a Importância da Metodologia para Educação Básica" pretende analisar o estudo do meio enquanto metodologia ativa, interdisciplinar e imprescindível para o ensino de Geografia na educação básica, conforme apontado por autores como Pontuschka e Harvey. A pesquisa parte do reconhecimento da defasagem entre teoria e prática nas escolas, propondo o estudo do meio como alternativa eficaz para superar práticas pedagógicas fragmentadas e descritivas, aproximando os conteúdos escolares da realidade concreta dos alunos. Por meio da análise de dados estatísticos observou-se que discentes de famílias com renda mais baixa têm menos oportunidades de participação em atividades culturais e turísticas, como visitas a unidades de conservação. Tal desigualdade reflete-se nas redes de ensino; verifica-se que a existência de desigualdades socioeconômicas entre a rede pública e privada de ensino dificultam o acesso dos estudantes a experiências formativas fora da sala de aula. Diante disso, o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR) é analisado como um exemplo de espaço educativo que possibilita experiências significativas de aprendizagem por meio da observação e análise de aspectos naturais, sociais e culturais. Além disso, são relatadas percepções e vivências de profissionais atuantes no turismo pedagógico da região do PETAR, que destacam a importância da formação docente, do planejamento e da valorização institucional para viabilizar o estudo do meio como prática pedagógica estruturada. Ao final, o trabalho propõe que o acesso a experiências educativas de qualidade deve ser compreendido como direito universal, e não privilégio de poucos.

Palavras-chave: Estudo do meio; Geografia escolar; Metodologia; Desigualdade socioeconômica.

ABSTRACT

The undergraduate thesis entitled “Field Study: Disparities in Access and the Importance of the Methodology for Basic Education” aims to analyze field study as an active, interdisciplinary, and essential methodology for teaching Geography in basic education, as highlighted by authors such as Pontuschka and Harvey. The research starts from the recognition of the gap between theory and practice in schools, proposing field study as an effective alternative to overcome fragmented and overly descriptive pedagogical practices, bringing school content closer to students’ concrete realities.

Consequently, the existence of socioeconomic disparities between public and private school systems becomes evident, which hinders students’ access to formative experiences outside the classroom. In this context, the Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR) is analyzed as an example of an educational space that enables meaningful learning experiences through the observation and analysis of natural, social, and cultural aspects, despite the socioeconomic barriers that limit access to field study activities. Statistical data are used to demonstrate that students from lower-income families have fewer opportunities to participate in cultural and touristic activities, such as visits to conservation units.

Furthermore, the study presents perceptions and experiences of professionals working in educational tourism in the PETAR region, who emphasize the importance of teacher training, planning, and institutional support in making field study a structured pedagogical practice. In conclusion, the thesis argues that access to quality educational experiences should be understood as a universal right, not a privilege for the few.

Keywords: Field study; School geography; methodology; Socioeconomic inequality.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPCult – Índice de Preços ao Consumidor da Cultura

MEC – Ministério da Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PETAR – Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A REALIDADE ESCOLAR ..	15
2.1. POTENCIALIDADES DA METODOLOGIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA	16
3. ACESSO À EDUCAÇÃO E SEU CONSEQUENTE IMPACTO NO ESTUDO DO MEIO	19
4. CARACTERIZANDO O PARQUE ESTADUAL TURÍSTICO DO ALTO RIBEIRA	24
4.1 O PETAR COMO ESPAÇO EDUCATIVO	26
4.2 ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA	27
5. PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo propor o estudo do meio enquanto metodologia imprescindível ao ensino de Geografia e entender os motivos pelos quais a prática de ensino não é amplamente adotada, levando em consideração fatores relacionados ao acesso à cultura e educação baseadas nas questões financeiras. Posteriormente, o trabalho visa categorizar o PETAR enquanto espaço educativo e suas potencialidades, em concordância com os Parâmetros Nacionais Curriculares e a Base Nacional Comum Curricular e, em seguida, trazer sob a perspectiva de agentes integrantes do turismo pedagógico, que atuam na região, sua vivência e percepções sobre as oportunidades de entrada neste patrimônio natural e educativo tanto por instituições públicas e particulares.

Os primeiros dois capítulos intitulados “Base Nacional Comum Curricular e a realidade escolar” e “Acesso à educação e seu consequente impacto no estudo do meio”, se propõem a analisar os desafios enfrentados no ensino de Geografia, na educação básica, para garantir aos estudantes compreensão crítica do espaço geográfico e das relações que nele se estabelecem. Dentre as metodologias que vêm sendo adotadas com o intuito de potencializar a aprendizagem significativa e engajar os estudantes, destaca-se o estudo do meio como uma proposta didático-pedagógica capaz de aproximar o conteúdo escolar da vivência concreta dos alunos.

Nos últimos anos, sobretudo após o período pandêmico, diversas instituições de ensino têm buscado renovar suas práticas educativas por meio de estratégias mais dinâmicas, que priorizem a participação ativa dos estudantes e promovam experiências mais lúdicas e eficazes. Nesse contexto, o estudo do meio tem se consolidado como uma ferramenta que possibilita a articulação entre teoria e prática, permitindo que os conteúdos trabalhados em sala de aula sejam compreendidos de forma empírica e contextualizada.

Segundo a BNCC, a Geografia é um componente curricular fundamental para o desenvolvimento de uma leitura crítica da realidade, contribuindo para a formação da identidade dos sujeitos por meio da compreensão das interações sociais, culturais, econômicas e ambientais que ocorrem nos diversos espaços

(BRASIL, 2017). Dessa forma, o estudo do meio é profícua alternativa pedagógica que valoriza a experiência direta com o espaço vivido, promovendo a análise crítica dos fenômenos geográficos em sua complexidade.

Pontuschka (2009, p. 87) define o estudo do meio como “um momento significativo de apreensão do real”, pois propicia o contato com a geografia do lugar, sua cultura, história, sociedade e meio ambiente. Ao se deslocar para além do espaço formal da sala de aula, o estudante tem a oportunidade de vivenciar, de maneira concreta, os conceitos abordados nos conteúdos curriculares. Assim, o estudo do meio pode ser entendido como um recurso metodológico ativo, que transforma o ambiente, natural ou construído, em um espaço não formal de aprendizagem, funcionando como uma verdadeira extensão da sala de aula.

Considerando esse panorama, parte-se da hipótese de que a Geografia, quando ensinada de forma dissociada da experiência prática e da vivência do aluno, perde sua capacidade de instigar a curiosidade e o pensamento crítico, tornando-se desinteressante e ineficaz. Assim, é necessário adotar metodologias que permitam aos estudantes relacionar os conteúdos escolares com os problemas concretos do seu entorno, compreendendo o espaço geográfico de maneira ativa, reflexiva e transformadora.

Tendo como base o ensejo dos capítulos anteriores o capítulo “Caracterizando o Parque Estadual Turístico Do Alto Ribeira”, tem como propósito evidenciar o PETAR como espaço pedagógico, destacando sua importância como Patrimônio da Humanidade e unidade de conservação integral do Estado de São Paulo, bem como seus atrativos: cachoeiras, trilhas, comunidades tradicionais da região e diversas cavernas, nas quais apenas 12 estão liberadas para visita evidenciando sua potencialidade como espaço pedagógico. Ademais, é de extrema importância elucidar, que a vivência do autor do trabalho com turismo pedagógico na região trouxe o questionamento e motivação de entender quais estudantes acessam o parque e quais seriam os motivos para que a visita fossem sob sua perspectiva mais habituais para escolas particulares.

Por conseguinte no capítulo descrito como “Percepções e vivências”, foram realizadas coleta de depoimentos de duas professoras e um guia de turismo local, os quais autorizaram a manutenção de seus nomes, cujos depoimentos trouxeram contribuições inestimáveis para compreender as barreiras e potencialidades da implementação do estudo do meio no contexto escolar.

Diante disso, em suas “Considerações finais” este trabalho tem como objetivo evidenciar tal discrepância de acesso e propor a institucionalização do estudo do meio como projeto pedagógico nas escolas públicas, com a destinação de recursos específicos para sua implementação, de modo a ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem na Geografia escolar. Pretende-se, ainda, evidenciar como essa prática didática pode contribuir para a superação de práticas fragmentadas e descritivas, promovendo maior engajamento dos estudantes e uma aprendizagem mais significativa, conectada ao cotidiano.

2. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A REALIDADE ESCOLAR

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta a Geografia como um componente capaz de promover a compreensão do mundo de forma crítica pelos indivíduos, ao passo que permite com que construam sua identidade por meio de suas relações com os mais diversos lugares (BRASIL, 2017), diante disso, a diretriz nacional propõe uma forma de ensinar Geografia que objetive a superação da descrição de informações e promova estudos contextualizados à realidade do aluno, ao passo que estabelece competências e habilidades específicas a este componente curricular que devem ser promovidas durante as aulas através de seus conteúdos, assim para possibilitar a transformação do conhecimento abstrato em concreto, onde o conteúdo do livro didático seja ministrado relacionado ao cotidiano do aluno.

Entretanto, a Geografia no âmbito escolar ainda enfrenta obstáculos para romper com o caráter descritivo e fragmentado que impedem com que o aluno veja sentido naquilo que se pretende ensinar dispersando, por completo, o seu interesse em aprender. Nessa direção, se faz importante a busca por metodologias que promovam o maior engajamento da turma no processo de ensino-aprendizagem geográfico, propiciando aplicabilidade dos conteúdos vistos em sala de aula para solucionar os problemas do dia a dia.

Nessa perspectiva, defende-se o Estudo do Meio como uma metodologia capaz de tirar do papel o que diz a BNCC, transformando a teoria em prática por meio de ações que trabalhem a partir do lugar de vivência do aluno, colocando-o como protagonista na busca pelo conhecimento, possibilitando-o aplicar o que é visto em sala de aula para solucionar problemas cotidianos. Tal abordagem vem crescendo como prática educacional e hoje faz parte dos cronogramas de muitas escolas do estado, que depois da pandemia buscam trazer vivências e metodologias cada vez mais lúdicas e eficientes aos seus estudantes.

Tais atividades são desenvolvidas por meio de roteiros, criados a partir de lugares que possuem estrutura semelhante ou de igual conteúdo àquela que os alunos veem em sala de aula, porém, de forma vívida. O importante é entender o meio para assim expor os diversos temas ao/com o estudante, de

forma concreta e diferente daquela com que são trabalhados em sala de aula, proporcionando alternativas criativas para o estudo. É importante que o aluno conheça os objetivos a serem atingidos de modo a aproveitar melhor o momento no espaço escolhido e desfrutar o conhecimento de forma diferente.

2.1 POTENCIALIDADES DO METODOLOGIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O conceito de estudo do meio como uma proposta pedagógica, tendo como base as proposições de Pontuscka (2009, p. 87) na qual o estudo do meio é “um momento significativo de apreensão do real. Pois é possível entrar em contato com a geografia do lugar, a cultura, a história, a sociedade e o meio ambiente”, tal abordagem pedagógica pode ser vista como uma ferramenta para ampliar a compreensão dos alunos sobre o espaço, bem como estimular a ensino crítico e contextualizado.

Sendo assim, associar a Geografia e todo seu escopo teórico, suas técnicas e métodos, pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem e para a tomada de consciência ambiental, mostrando as diversas possibilidades de caminhos que os professores e professoras podem trilhar para fundamentar conceitos e aplicá-los metodologicamente, tendo como base os componentes curriculares específicos e através de formatos diversos, que alcance os alunos desde o ensino infantil, fundamental, médio, e o de jovens e adultos.

Diante disso, Pontuschka et al (2009, p. 26) elucida que:

O trabalho pedagógico na disciplina Geografia precisa permitir ao aluno assumir posições diante dos problemas enfrentados na família, no trabalho, na escola e nas instituições de que participa ou poderá vir a participar, aumentando seu nível de consciência sobre as responsabilidades, os direitos sociais, a fim de efetivamente ser agente de mudanças desejáveis para a sociedade.

A fim de alcançar maior efetividade e a mudança de perspectiva pedagógica é necessário trilhar um longo caminho, mas ao abraçarmos a interdisciplinaridade temos uma alternativa substancial para reduzi-lo ou pelo menos ter melhores condições de alcançar melhores resultados, visto que:

A formação fragmentada do geógrafo e do professor de Geografia a que grande maioria foi submetida interfere em sua vida profissional e no relacionamento com colegas de outras disciplinas. Considera-se

que tanto o professor quanto o aluno precisam pensar de forma interdisciplinar para participar de projetos de ensino na própria disciplina e em sua relação com os professores dos demais componentes curriculares.

O estudo do meio, fundamentado nessa perspectiva e tendo como princípios a pesquisa, a dialogicidade e a interdisciplinaridade, desponta como método de investigação do espaço geográfico, de sua história, de suas características biofísicas e sociais. Pelo estudo do meio visa-se a aproximação à totalidade do objeto que se pretende conhecer. (Pontuschka et al, 2009, p. 31-32).

Destarte, o estudo do meio emerge como uma das soluções para suprir a necessidade de integração entre as áreas do conhecimento e as disciplinas escolares no que diz respeito à complexidade dos processos que compõem o espaço, especificamente quando se trata da questão ambiental.

Outrossim, ao integrar as práticas interdisciplinares por intermédio do estudo do meio, notam-se mudanças no conceito de aula, pois novas perspectivas se formam quando evidencia-se que a mesma não precisa ocorrer apenas entre as paredes da escola, podendo ser desenvolvida em outros espaços físicos e não somente com o professor, mas com a adição de informações que são trazidas por moradores e outros profissionais; “o espaço físico da sala de aula estende-se ao pátio, à favela, ao córrego, à loja, à casa em construção” (Pontuschka et al, 2009, p. 157).

Sendo assim, há uma visível dialética entre o conhecimento teórico, abstraído em sala de aula e as infinitas possibilidades de interpretação que os docentes e discentes podem realizar do meio, trazendo ainda mais significância e esta metodologia, uma vez que nela o estudante é papel indispensável no processo de aprendizagem

Acrescido ao exposto anteriormente, pode-se enriquecer a análise sobre o estudo do meio com visão de Harvey (2014, p.81), a qual indica que essa abordagem pedagógica oferece a oportunidade para alunos “aprenderem com o ambiente construído e natural, enquanto descobrem como as pessoas o criaram, modificaram e o utilizam”. Ao sair da sala tradicional e explorar o ambiente ao seu redor, os estudantes têm a oportunidade de vivenciar de maneira mais concreta os conceitos abstratos e teóricos.

O estudo do meio pode ser considerado uma estratégia que visa expandir o processo de ensino e aprendizagem, utilizando o ambiente natural ou construído, livre, guardada as diferenças, funciona como uma sala de aula ao ar livre, ou seja um espaço não formal de aprendizagem.

Neste cenário, cabe destacar a predominância da abordagem crítica e reflexiva ao utilizar o estudo do meio como uma metodologia pedagógica, que possibilite uma análise mais abrangente e inclusiva do ambiente em questão. Tal estratégia metodológica de ensino que busca o intuito de utilizar como referido anteriormente o ambiente natural ou construído para um melhor envolvimento dos alunos com o contexto que os circundam, retornando a autora Pontuscka (2009, p. 87) o estudo do meio é “um momento significativo de apreensão do real. Pois é possível entrar em contato com a geografia do lugar, a cultura, a história, a sociedade e o meio ambiente”. Dessa forma, essa abordagem pedagógica pode ser vista como uma ferramenta para ampliar a compreensão dos alunos sobre o espaço.

Ainda nesse sentido, quando se utiliza a perspectiva do materialismo histórico dialético, é possível entender que o meio ambiente é moldado pelas relações sociais e pela história. Assim, é de grande importância que a metodologia do estudo do meio seja utilizada de maneira crítica e reflexiva, permitindo aos estudantes uma análise espacial mais ampla e aprofundada do ambiente a que estão estudando.

A partir dessa visão, possibilita-se o entendimento das relações de Poder que influenciam a configuração do espaço, bem como as transformações que ocorrem ao longo do tempo e as possibilidades de entrada, permanência ou até mesmo exclusão que tal espaço pode representar, sendo assim é fundamental evidenciar que além de um instrumento pedagógico o estudo do meio é um ato político indispensável, que pretende potencializar o processo de ensino e aprendizagem e propiciar a diferentes experiências nos mais diversos espaços.

3. ACESSO À EDUCAÇÃO E CULTURA SEU CONSEQUENTE IMPACTO NO ESTUDO DO MEIO

A educação constitui um dos principais pilares do desenvolvimento humano e da justiça social, ao promover a mobilidade socioeconômica, ela oferece a possibilidade de romper ciclos intergeracionais de pobreza. No entanto, no Brasil, o acesso à educação de qualidade permanece profundamente desigual, refletindo e, por vezes, agravando as disparidades sociais existentes. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam impactos da educação infantil até o ensino superior.

Levando em consideração dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) sobre a educação básica pode-se notar a distribuição desigual do acesso à educação no Brasil inicia-se já na educação infantil. Em 2017, apenas 46,9% das crianças de 0 a 5 anos que residiam em domicílios com baixa escolaridade frequentavam creche ou pré-escola. Por outro lado, esse percentual atingia 62,2% em lares onde pelo menos um adulto possuía ensino superior. Observa-se, ainda, que 74,1% das crianças são atendidas por instituições públicas, percentual que sobe para 92,9% entre as famílias mais pobres, demonstrando uma forte dependência das políticas públicas por parte dessa parcela da população.

Continuamente, no ensino médio, a desigualdade torna-se ainda mais evidente. Enquanto apenas 64% dos jovens entre 15 e 17 anos, pertencentes aos 20% mais pobres da população, encontram-se na série adequada à sua faixa etária, esse índice alcança 90,5% entre os 20% mais ricos.

Destarte, pode-se avaliar que o acesso à educação está diretamente relacionado à renda e ao nível de escolaridade das respectivas famílias, alinhado a esta perspectiva a PNAD de 2021 é substancial para corroborar com a linha de raciocínio da pesquisa, uma vez que o acesso à cultura e turismo também é conquistado de acordo com as possibilidades financeiras das famílias, levando tal padrão estatisticamente comprovado pelo Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE).

Tabela 1 - Coeficientes de variação de viagens por motivo de lazer realizadas pelos moradores dos domicílios no período de referência dos últimos três meses, por classes de rendimento domiciliar per capita em salários mínimos, segundo o tipo de lazer - 2021

Tipo de lazer	Coeficiente de variação de viagens por motivo de lazer realizadas pelos moradores dos domicílios (%)					
	Brasil	Classes de rendimento domiciliar per capita em salários mínimos				
		Menos de 1/2 salário mínimo	1/2 a menos de 1 salário mínimo	1 a menos de 2 salários mínimos	2 a menos de 4 salários mínimos	4 ou mais salários mínimos
Total	3,6	9,4	6	6,4	6,7	7,4
Cultura e gastronomia	7,7	26,1	15,7	14	12,7	14,1
Natureza, ecoturismo ou aventura	6,9	17,6	12,7	10,8	16	14
Sol e praia	4,1	11,4	8,4	8,3	7,6	8,5
Outro	7,9	21,3	17,6	14,7	15,4	18,9

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2021 (acumulado de segundas visitas).

Nota: Foram consideradas somente as informações das três viagens mais recentes realizadas no período de referência dos últimos três meses.

Nota: Intervalo do coeficiente de variação - CV (%) A de 0 até 5; B maior que 5 até 15; C maior que 15 até 30; D maior que 30 até 50; E maior que 50, para mais detalhes, verificar notas técnicas da publicação SIIC 2011-2022.

Nota: Ver também <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/8458>

Conforme os dados registrados fica explícito que quanto maior a renda as viagens são mais frequentes e mais homogêneas, além de que o tipo de lazer denominado Cultura ou Ecoturismo se torna mais frequente, outro ponto importante é que a classe com menos de 1/2 (meio) salário mínimo per capita apresenta os maiores coeficientes de variação, sugerindo baixa participação no turismo de lazer. Diante disso, fica evidente o perfil socioeconômico com mais possibilidades de acesso de atividades culturais mais diversificadas e ao ecoturismo.

Continuamente, é mister trazer à tona dados referentes à Distribuição percentual dos pesos no IPCult (Índice de Preços ao Consumidor da Cultura), segundo as Grandes Regiões do Brasil, entre os anos de 2020 a 2022. Esses pesos indicam o quanto cada grupo de produtos ou serviços culturais influencia no índice, refletindo os hábitos de consumo cultural da população contribuindo para um melhor entendimento do real acesso à cultura e à educação.

Tabela 2 - Distribuição percentual dos pesos no IPCult, segundo as Grandes Regiões e os grupos do IPCult - 2020-2022

Grandes Regiões e grupos do IPCult	Pesos proporcionais no mês de julho/ano (%)		
	2020	2021	2022
Brasil			
IPCult - Artigos de residência	10,8	11,9	11,8
IPCult - Acessórios pessoais	2,2	2,5	2,5
IPCult - Despesas pessoais com produtos e serviços culturais	15,6	15,4	17
IPCult - Jornais, revistas e assinaturas	0,9	0,9	0,9
IPCult - Produtos e atividades de ensino	10,1	9,7	9,7
IPCult - Serviços de telefonia, TV por assinatura e Internet	60,4	59,5	58,1
Norte			
IPCult - Artigos de residência	13	14,5	14,1
IPCult - Acessórios pessoais	2,9	3,2	3,4
IPCult - Despesas pessoais com produtos e serviços culturais	11,2	11,2	11,9
IPCult - Jornais, revistas e assinaturas	0,8	0,8	0,9
IPCult - Produtos e atividades de ensino	7,5	7,7	7,8
IPCult - Serviços de telefonia, TV por assinatura e Internet	64,5	62,6	61,9
Nordeste			
IPCult - Artigos de residência	12,3	13,5	13,3
IPCult - Acessórios pessoais	2,9	3,2	3,3
IPCult - Despesas pessoais com produtos e serviços culturais	14,2	14	15,1
IPCult - Jornais, revistas e assinaturas	0	0	0
IPCult - Produtos e atividades de ensino	12,4	11,9	11,9
IPCult - Serviços de telefonia, TV por assinatura e Internet	58,2	57,4	56,3
Sudeste			
IPCult - Artigos de residência	9,9	11,1	10,8
IPCult - Acessórios pessoais	1,9	2,3	2,2
IPCult - Despesas pessoais com produtos e serviços culturais	17,2	17,1	18,8

IPCult - Jornais, revistas e assinaturas	0,8	0,8	1
IPCult - Produtos e atividades de ensino	10,5	10	9,9
IPCult - Serviços de telefonia, TV por assinatura e Internet	59,7	58,7	57,2
Sul			
IPCult - Artigos de residência	11,6	12,8	12,7
IPCult - Acessórios pessoais	2,4	2,6	2,5
IPCult - Despesas pessoais com produtos e serviços culturais	14,9	14,2	15,9
IPCult - Jornais, revistas e assinaturas	1,1	1,1	1,1
IPCult - Produtos e atividades de ensino	8,8	8,5	8,6
IPCult - Serviços de telefonia, TV por assinatura e Internet	61,3	60,8	59,3
Centro-Oeste			
IPCult - Artigos de residência	11,2	12	12,1
IPCult - Acessórios pessoais	2,4	2,6	2,6
IPCult - Despesas pessoais com produtos e serviços culturais	12,4	11,8	13,4
IPCult - Jornais, revistas e assinaturas	2	1,9	2
IPCult - Produtos e atividades de ensino	8,1	7,6	7,8
IPCult - Serviços de telefonia, TV por assinatura e Internet	63,9	64	62,1
Fonte: IBGE, Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo, 2020-2022.			

Outrossim é possível interpretar que de acordo com o IPCult há uma grande disparidade entre as regiões isso por si só já reafirma os contrastes relacionados ao acesso à cultura, mesmo que tal afirmação não seja substancial para a pesquisa ela é relevante ao analisarmos os dados referentes aos produtos e atividades de ensino, os quais não lideram em nenhum dos estados evidenciando a existência de outras prioridades relacionadas ao consumo cultural da população.

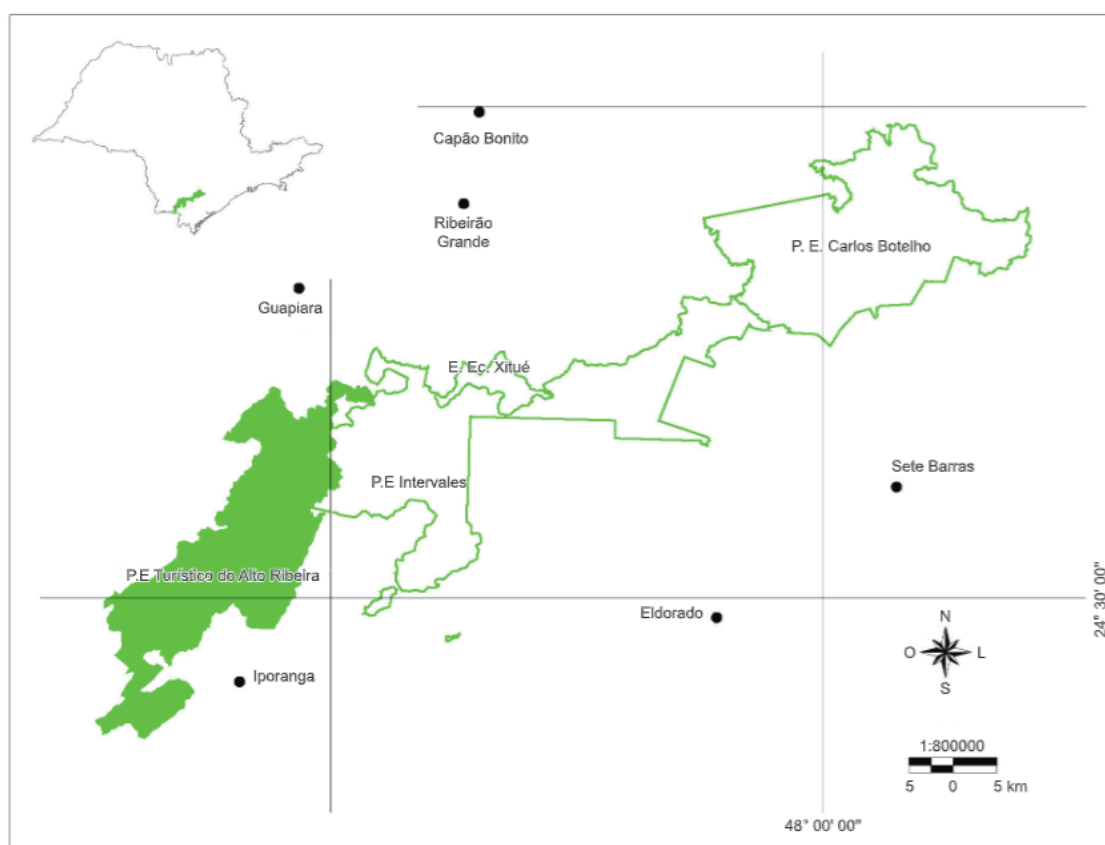
Levando em consideração os cenários expostos nas tabulações acima e devido às limitações estatísticas, uma vez que não há estatística referenciada diretamente ao estudo do meio, pode-se traçar paralelos sobre o quanto limitado é o acesso a metodologia. Inicialmente é preciso enunciar que existem duas realidades dentro da análise, a contexto do ensino público em contraste com o ensino particular, uma vez que conforme evidenciado acima, no contexto da educação privada existem melhores condições de obtenção de produtos e serviços relacionados à educação, cultura e turismo.

Outrossim, tendo em mente as estatísticas do acesso à educação, a caracterização do padrão de viagens de acordo com a renda e os hábitos de consumo indicados pelo IPCult, subentende-se que atividades pedagógicas como o estudo do meio são altamente dissociadas da vivência da maior parte da sociedade brasileira, uma vez que o consumo à cultura da maior parte da população está ligado a consumo de entretenimento, associado às telecomunicações, e com a análise do coeficiente de variação indica-se baixa participação da população de baixa renda em dados referentes a viagens.

4. CARACTERIZANDO O PARQUE ESTADUAL TURÍSTICO DO ALTO RIBEIRA

O Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira. É localizado na Região do vale do rio Ribeira de Iguape, a 350 km da cidade de São Paulo. O PETAR, criado em 1958, e atualmente é administrado pela Fundação Florestal com a colaboração das Prefeituras Municipais de Iporanga e Apiaí, e da Sociedade Brasileira de Espeleologia - SBE. A região é uma das últimas áreas de Mata Atlântica preservadas do Estado e considerada com a maior concentração de cavernas do Brasil, além de cachoeiras, rios, montanhas, vales, fauna e flora ameaçadas de extinção.

Figura 1: Localização do Parque Estadual Turístico Alto do Ribeira, na região do contínuo ecológico da Serra de Paranapiacaba, estado de São Paulo.



Fonte: IBGE, 2012.

pelas agências de Ecoturismo que trabalham na região reforçando esse imaginário.

Além dos grupos de espeleologia que desde o final dos anos de 1950 passaram a explorar e mapear as cavernas houve pouca visita à unidade de conservação, sendo que até o início dos anos de 1980, ocorria apenas uma procura restrita a grupos de excursionistas, em sua maioria universitários. A partir daí, várias agências de turismo ecológico e estudos do meio passaram a fazer uso mais regular do Parque. Paralelamente ao aumento do fluxo turístico, devido principalmente ao aumento desenfreado do número de agências e pessoas que organizam grupos de viagens, houve uma ampla divulgação na mídia. Esta superexposição acabou acarretando uma procura maior ainda por parte do público espontâneo, que vem em busca tanto das belezas das cavernas como da riqueza da grande área de Mata Atlântica preservada.

Em contrapartida, o Parque, como a quase totalidade das Unidades de Conservação brasileiras, luta contra a falta de recursos humanos e financeiros. Dos Núcleos do Parque (Santana, Ouro Grosso e Caboclos) o mais intensamente procurado e o que mais sofre com esta situação é o Núcleo Santana. Sua principal atração é a caverna de Santana, considerada uma das mais belas e ornamentadas do Brasil.

4.1. O PETAR COMO ESPAÇO EDUCATIVO

Como já citado anteriormente, o local possui incontáveis cavernas impressiona a enorme variedade de formações, ou espeleotemas que causam a admiração dos visitantes, além disso a Mata Atlântica presente nos seus mais de 36.000 ha tem um valor inestimável. O fato de estarem pouco alteradas e se apresentarem “ao natural” a seus visitantes, enriquecendo ainda mais a experiência, fazendo do local uma excelente espaço educativo uma vez que coloca à disposição um espaço com dinâmicas naturais importantíssimas para diferentes áreas do conhecimento trazendo à tona uma abordagem interdisciplinar e multifacetada do espaço diversificando as possibilidades de estudo do meio.

Abordando as possibilidades destacadas, o parque está em uma

região de confluência de vários sistemas de circulação atmosférica (atlântico, polar, tropical), sendo assim o seu clima segundo Köppen (1948) pode ser classificado como Cfb-Subtropical úmido sem estação seca e com verão fresco, com a temperatura média do mês mais frio menor que 18° C e a temperatura média do mês mais quente superior a 22° C (SMA, não publicado).

Segundo Lepsh *et al.* (1990) os dados de precipitação média da região estaria entre 1.500 e 2.000 mm, onde o mês com o maior número de chuvas seria em janeiro e em agosto o menor. Continuamente, o PETAR se encontra em uma área de relevo montanhoso que segundo Godoy (2001) pode apresentar forma mais arredondadas sobre granitos intrusivos e filitos, ou em uma área de relevo montanhoso com grande amplitude latitudinal, variando de 80 a 1.146 m. Já o relevo pode apresentar formas mais arredondadas sobre granitos intrusivos e filitos, ou mais dissecados nas áreas sobre calcário, caracterizando assim um relevo residual cárstico. Para Ivanauskas *et al.* (2012, p. 05) “Devido à presença de grandes porções de rochas calcárias, porosas e de fácil dissolução ou desgaste pela água em conjunto com ácidos orgânicos e inorgânicos, o Parque apresenta um expressivo número de cavernas”. Ademais, discutindo sobre solos, nessa região os predominantes são os *Cambissolos háplicos*, seguidos de *Neossolos litólicos* e *Latossolos* (Vermelho, Amarelo e Vermelho-Amarelo), ocorrendo em menores proporções os *Argissolos* amarelos e os *Gleissolos* (Rossi e Pires-Neto, 2010).

Sendo assim, levando em consideração a relevância e riqueza dos conteúdos abordados anteriormente, é notório que o PETAR é um destino com potencial sem igual e talvez único, propiciando um estudo do meio com excelente alcance pedagógico.

4.2. ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Diante disso, a UC supracitada é ideal para cumprir o que é sugerido no PCN, já que ela emerge nessa discussão como espaço de análise e sala de aula possibilitando a leitura da paisagem, a qual permite aos alunos conhecer os processos de construção do espaço geográfico. Conhecer uma paisagem é reconhecer seus elementos sociais, culturais e naturais e a interação existente

entre eles e também compreender como ela está em permanente processo de transformação e como contém múltiplos espaços e tempos.

Tal leitura da paisagem pode ocorrer de forma direta ou de forma indireta e pode ser potencializado por meio da descrição que é destacada pelo Parâmetros Curriculares Nacionais :

A descrição é fundamental, porque a paisagem não é experimental, e sim visual. Assim, as excursões de reconhecimento, o uso das imagens aéreas, das fotografias comuns, das imagens cotidianas da televisão, dos mapas etc. são recursos que podem ajudar o professor. Aulas descritivas de paisagem não atingem o objetivo de dar ao estudante a capacidade de realizar levantamentos das características visíveis na paisagem, fazer sua documentação, sistematizando, assim, a observação.

Outro aspecto importante para potencializar o ensino é a explicação, na análise de qualquer objeto, procura sempre decompô-lo em partes. No caso da Geografia, como o objeto da análise é o território e a paisagem, caracterizados tanto pelos elementos sociais quanto pelos naturais, essa análise deverá estar sempre atenta para as interações entre esses dois elementos da realidade. Diante disso como uma ciência social, porém com especificidade de trabalhar a sociedade e a natureza, a análise torna-se complexa, pois deve explicar como dois conjuntos de elementos interagem sem deixar de lembrar que tanto a natureza como a sociedade guardam níveis de interações que lhes são específicas internamente.

Tendo como objetivo validar o Parque como um espaço educativo é importante contextualizá-lo entre os Parâmetros Curriculares e a Base Nacional Curricular, evidenciando que os conteúdos estão presentes durante todo o estudo do meio e podem atender diversas etapas do desenvolvimento pedagógico dos estudantes do ensino básico, reafirmando a interdisciplinaridade e sua importância para o ensino de Geografia.

Em consonância com a BNCC, o Ministério da Educação, MEC, (2001) coloca que através das competências essenciais, como por exemplo o estudo do meio, o aluno é levado a compreensão, tomada de decisões, reelaboração e a adoção de uma linguagem mais científica e rigorosa. Segundo o MEC (2001, p. 75) o “estudo do meio pode ser entendido como um conjunto de fenômenos, acontecimentos, fatores e/ou processos de diversa índole que ocorrem no meio

envolvente e no qual a vida e a ação das pessoas têm lugar e adquire significado”.

Sendo assim é altamente relevante conceituar o PETAR enquanto espaço educativo que carrega em si, altas correlações entre o conteúdo apreendido em sala e proposto pela BNCC e com a realidade, propiciando ao estudante uma vivida experimentação / comprovação dos mais diferentes fenômenos naturais. Deste modo é benéfico abordar de forma direta algumas habilidades que podem ser abordadas neste espaço de aprendizagem.

Como já elencado anteriormente, pode-se abordar conteúdos de Climatologia, Geomorfologia, Pedologia, Formações Vegetais entre tantas outras possibilidades, fazendo com que o estudo do meio crie diversas correlações com o conteúdo visto em sala de aula pelos estudantes do ensino básico, abordando diversas habilidades referenciadas pela BNCC como as listadas abaixo:

(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.

(EF07GE11) Caracterizar dinâmicas dos componentes físico-naturais no território nacional, bem como sua distribuição e biodiversidade (Florestas Tropicais, Cerrados, Caatingas, Campos Sulinos e Matas de Araucária).

(EF07GE12) Comparar unidades de conservação existentes no Município de residência e em outras localidades brasileiras, com base na organização do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

É evidente que devido a interdisciplinaridade e vastidão das possibilidades de análise no parque é possível traçar os mais diversos planos de aulas e abordar conteúdos diversificados relacionados às disciplinas como Geografia, História, Biologia, Química e Física, reafirmando o espaço como excelente roteiro pedagógico.

5. PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS

Em virtude da incipiência dos dados estatísticos torna-se necessário trazer a discussão diferentes percepções das questões do acesso ao parque e as potencialidades da vivência para um melhor aproveitamento pedagógico, diante disso no decorrer da pesquisa foi possível contatar e dialogar com pessoas que possuem relação com o PETAR e possuem experiências relacionadas ao turismo pedagógico na região, as quais podem indicar por meio de suas vivências, qual o perfil socioeconômico das escolas que têm a oportunidade de acessar esse espaço.

Diante do exposto propõe-se perspectivas distintas, trazendo à luz experiências relacionadas ao estudo do meio sob a visão de docentes, guias e empresas ligadas ao turismo pedagógico na região, podendo assim ter amplitude na análise da discrepância entre a presença do público das redes públicas e particulares, assim uma pesquisa participante com entrevistas foram realizadas com o objetivo de verificar o supracitado.

A primeira entrevista foi realizada com duas professoras da rede particular de ensino, mestres em geografia pela Unesp e sócias da empresa de turismo pedagógico VIAGEO, tanto Ana Claudia e Sabrina Laís trouxeram uma perspectiva global envolvendo o acesso e o desenvolvimento pedagógico dos estudantes que visitam a região ao longo dos anos, tanto como professoras quanto como empresa de turismo. Em um primeiro momento a discussão envolveu a discrepância de visitas ao parque, a qual é perceptível ao longo das visitas, ainda mais quando coloca-se em pauta a escola privada e a escola pública, ambas as professoras entendem que isso é uma realidade e elencaram alguns pontos que podem colaborar com a análise.

Ao decorrer da discussão e foi levantado um ponto pertinente, o qual é retratado por meio de dados na pesquisa, que é a projeção de acesso à cultura que em consonância com a PNAD é maior em parcelas da população que possuem rendimentos superiores a dois salários mínimos as quais representam progressivamente estudantes da rede privada, o que intuitivamente já promove uma maior possibilidade de viabilidade de um investimento em atividades pedagógicas, uma vez que isso já é mais habitual devido às condições financeiras dos estudantes.

Continuamente conforme ambas citaram, um dos primeiros desafios é o desconhecimento da maioria dos professores sobre o parque e suas potencialidades enquanto roteiro pedagógico e acrescido à isto de acordo com experiências das próprias entrevistadas, em muitas instituições públicas o principal responsável pela organização, desenvolvimento da atividade e a integridade física dos estudantes durante estudo do meio fica sob responsabilidade do professor, criando uma série de empecilhos que impactam diretamente na prática pedagógica tal realidade evidenciada por Bittar (2021):

Nota-se aqui uma das fragilidades do ensino quando fica evidente que os docentes não efetivos acabam tendo mais limitações para desenvolver atividades com os alunos. Isso se deve muito pelo tempo em que vão permanecer na escola, que limita o contato com a direção, coordenação e com os próprios estudantes, e pelo fato de que, em muitos casos, o mesmo profissional ministra aulas em mais de uma escola, tendo que se desdobrar para dar conta de projetos políticos e pedagógicos bastante distintos. (L. Bittar, 2021, p.59)

Em contrapartida nas escolas privadas na maioria das vezes transferem essa responsabilidade ao terceirizar as demandas organizacionais a uma agência, fazendo com que o professor tenha mais foco nas questões pedagógicas que envolvem a metodologia. Além disso, é importante frisar que na realidade privada o estudo do meio torna-se um produto ou diferencial que muitas vezes atrai matrículas e isso por também é um sintoma que indica a maior frequência de visitação desse público específico.

Ainda com relação a organização e a visão escolar do estudo do meio as professoras citaram que a visão distorcida da metodologia também é um empecilho para a sua adesão nas escolas, uma vez que ela é levada como um momento de descontração ou passeio e não como uma atividade pedagógica, tal comportamento é citado por Bittar (2021) em em seu trabalho de conclusão de curso de graduação, se deparou com uma relato parecido, no qual o estudo do meio foi considerado um simples passeio como uma ida ao parque de diversão, sem nenhuma fundamentação pedagógica aparente e a partir disso refletiu que:

“A resistência da gestão em se referir ao projeto da maneira correta vai ao encontro com a ausência das abordagens do estudo do meio e do trabalho de campo durante seu processo de formação, mas também pelo fator do PPP da escola não incluir esse viés da Educação Ambiental, que traz a perspectiva do trabalho interdisciplinar e da execução de projetos como o realizado pelo

Fernando. Essa falta se evidencia nesses momentos, e vai de interesse da escola enxergar a necessidade da inclusão dessa perspectiva no ambiente escolar, até mesmo pelo fator de que há uma diretriz curricular que institui a EA no espaço formal.” (L. Bittar, 2021, p.60).

Tendo como objetivo adicionar ainda mais experiência com relação a visão do estudo do meio e o acesso das escolas torna-se substancial dialogar com uma figura muito simbólica dentro do parque, Jurandir Aguiar ou Jura, como é conhecido por todos durante os estudos do meio, morador tradicional, monitor ambiental, espeleólogo, descobridor de cavernas e ajudante de pesquisas há mais de 40 anos. Durante todo o diálogo Jura trouxe uma perspectiva local imprescindível e muito rica que apenas quem acompanhou o desenvolvimento do turismo na região consegue abstrair.

Inicialmente, Jura elucidou que o estudo do meio é muito importante para a região, visto que a movimentação de visitantes no PETAR devido a atividade proposta por escolas e universidades é considerável, salientando o viés pedagógico do local é sua significância na temática. Por conseguinte ao ser questionado sobre a discrepância de visitas ao parque de estudantes das redes públicas e privadas Jura definiu que de acordo com sua experiência em monitoria é notório que o público proveniente da educação privada é majoritário em relação às atividades pedagógicas devido às condições financeiras exigidas para realizar as atividades no parque, uma vez que o desenvolvimento da atividade pode envolver transporte, acomodação, ingresso ao parque e pagamento dos guias locais para acompanhamento do estudo colocando diversos obstáculos que emergem sobretudo por questões econômicas que cercam para as visitas. A fim de mitigar tal discrepância existem iniciativas que os próprios guias da região realizam descontos no preço da monitoria para tentar viabilizar as atividades, as quais muitas vezes acontecem em diária única, evitando gastos adicionais com acomodação, por exemplo.

Em segunda análise, Jura indicou que a oportunidade de estar no parque por meio de estudo do meio, possibilita a criação de uma consciência coletiva sobre a preservação ambiental da região e que mesmo com pouca idade os estudantes são impactados de alguma forma com a vivência em um espaço tão complexo e com a possibilidade de ver na prática o que foi

apresentado em sala de aula. Ainda dentro desta perspectiva, Jura dividiu que costuma encerrar suas atividades com grupos escolares, salientando aos estudantes que a visita ao parque é uma oportunidade de estar inserido de forma prática em locais que o conhecimento está em essência e que posteriormente é divulgado em livros didáticos e na internet.

É mister ressaltar que a experiência retratado por meio do diálogo com o senhor Jurandir está de acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): “Aulas descritivas de paisagem não atingem o objetivo de dar ao estudante a capacidade de realizar levantamentos das características visíveis na paisagem, fazer sua documentação, sistematizando, assim, a observação”, indicando que a leitura da paisagem pode ocorrer de forma direta ou de forma indireta e pode ser potencializado por meio da alternativas que rompam com a simples descrição.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho evidenciou a relevância do estudo do meio como uma metodologia ativa, crítica e interdisciplinar no ensino de Geografia, sendo capaz de articular teoria e prática de forma significativa. A partir da análise dos fundamentos teóricos, das diretrizes da BNCC e do papel da Geografia na formação cidadã, observou-se que o estudo do meio proporciona ao estudante uma experiência concreta e transformadora, especialmente quando realizado em espaços ricos em diversidade natural, como o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira.

Ao caracterizar o PETAR como um espaço educativo, o trabalho demonstrou sua potencialidade para o desenvolvimento de habilidades fundamentais, como a leitura crítica da paisagem, a análise das dinâmicas naturais e sociais, e a compreensão das relações entre sociedade e natureza. Nesse contexto, o parque se destaca como uma extensão privilegiada da sala de aula, onde é possível vivenciar, analisar e problematizar os conteúdos curriculares em sua dimensão real e empírica.

Entretanto, a pesquisa também evidenciou desigualdades estruturais na prática da metodologia, especialmente entre estudantes de escolas públicas e privadas. Dados estatísticos do IBGE e entrevistas com profissionais atuantes no turismo pedagógico revelaram que o acesso ao estudo do meio — e, mais amplamente, à cultura e à educação de qualidade — ainda é profundamente condicionado pela renda e pelas condições socioeconômicas. Tais disparidades comprometem a equidade educacional e impedem que grande parte dos discentes da rede pública tenham menos possibilidades de experiências enriquecedoras e transformadoras como as oferecidas pelo estudo do meio.

Diante disso, torna-se urgente que políticas públicas sejam criadas e fortalecidas com o objetivo de garantir a institucionalização do estudo do meio como prática pedagógica sistematizada nas instituições de ensino públicas, com aporte de recursos financeiros, logísticos e formativos. Além disso, é necessário investir na formação docente para que professores estejam preparados para planejar, executar e refletir sobre experiências pedagógicas

fora da sala de aula, reconhecendo o valor educativo dos territórios e comunidades. Retornando Pontuschka et al (2009, p. 26) que aponta:

O trabalho pedagógico na disciplina Geografia precisa permitir ao aluno assumir posições diante dos problemas enfrentados na família, no trabalho, na escola e nas instituições de que participa ou poderá vir a participar, aumentando seu nível de consciência sobre as responsabilidades, os direitos sociais, a fim de efetivamente ser agente de mudanças desejáveis para a sociedade.

Pode-se concluir que este trabalho reforça que o estudo do meio, mais do que uma atividade complementar, é um instrumento essencial para a formação crítica, ambiental e cidadã dos estudantes, e deve ser assegurado como direito de todos e não como privilégio de poucos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO; ALMEIDA, PROENÇA, BASSO, RODRIGUES. **Aprendendo fora da sala de aula: roteiro de turismo pedagógico na região do PETAR – Iporanga, SP. 2021.** Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Técnico em Guia de Turismo – modalidade EaD) – Grupo de Estudo de Educação a Distância / CETEC, São Paulo, 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática.** Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

GODOY, J. R. L. **Estrutura e composição específica da Mata Atlântica secundária de encosta sobre calcário e filito, no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, Iporanga, SP.** 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2018

IVANAUSKAS, et al. **A vegetação do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), São Paulo, Brasil.** *Biota Neotropica*, Campinas, v. 12, n. 1, p. 147–177, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/ij/bn/a/WqnTZSS9NDcNfQvGV4qpx9H/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 jun. 2025.

KÖPPEN, W. **Climatologia: con un estudio de los climas de la tierra.** México: Fondo de Cultura Económica, 1948. 478 p.

LEPSCH, I. F. et al. **Macrozoneamento das terras da região do rio Ribeira de Iguape, SP.** *Boletim Científico do Instituto Agrônomo de Campinas*, Campinas, n. 19, p. 1–181, 1990.

LOBO, L. B. **“É estudo do meio, não passeio!”: a educação ambiental crítica através do vínculo entre escolas e unidades de conservação.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, Sorocaba, 2021.

MOREIRA, R. **O uso público do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (SP) durante a pandemia: relatos de experiências de (re)conexão sociedade-natureza.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto.

NEIMAN, Z.; RABINOVICI, A. **Espeleoturismo e educação ambiental no PETAR - SP.** *Pesquisa em Turismo e Paisagens Cársticas*, v. 1, n. 1, p. 57–65, 2008.

PONTUSCHKA, N. N. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2009.

ROSSI, M.; PIRES-NETO, A. G. **Avaliação do Meio Físico - Solos.** In: LEONEL, C.; PISCIOTTA, K.; BARROS, M. I. A. (coords.). *Plano de Manejo do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira.* São Paulo: Fundação Florestal, 2010. p. 175–199.

SANTOS, M. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985.